

Acessibilidade turística ainda deve muito

Apesar de haver avanços, quadro geral em Sergipe necessita melhorar bastante, principalmente em locais turísticos



ESTADO DE SERGIPE PROCURADORIA GERAL DE JUSTIÇA COORDENADORIA DE COMUNICAÇÃO RECORTE DE JORNAIS

Carrelo de Sergipe • Aracaju • domingo
09/11 segunda-feira 10 de novembro de 2014

Pedro Ivo Faro

Sergipe como um todo têm reconhecimento por possuir um bom potencial turístico, seja pelas belas praias da capital (e até em alguns municípios, como no povoado Cauêira, em Itaporanga D'ajuda), ou em cidades históricas como São Cristóvão, com números que provam isso. Entre dezembro de 2013 e março de 2014 – época de maior movimentação – cerca de 432 mil turistas visitaram Sergipe, 8% a mais que o mesmo período no ano anterior. Mas, apesar disso, há um ponto de extrema importância, que o Estado, como um todo, ainda precisa de urgentes melhorias: a acessibilidade para a população e os turistas.

Segundo dados da Associação dos Deficientes Motores de Sergipe (ADM-SE), o Estado possui cerca de 350 mil pessoas com algum tipo de deficiência, seja ela motora, visual ou auditiva. E somente na capital, são 43 mil com alguma dificuldade para se locomover (ou seja, sem contar os turistas com alguma necessidade que podem visitar o Estado). Nisso, entra toda a questão de melhoria da acessibilidade para o turismo.

Na visão de quem trabalha diretamente com o turismo, a situação em Aracaju está um pouco melhor, ainda que não esteja exatamente ideal. “A Orla da Atalaia, por exemplo, já está um pouco mais adaptada do que era antigamente, com uma maior quantidade de guias rebaixadas e/ou pisos táteis. Mas, por exemplo, no Centro de Turismo e na Rua do Turista (antiga rua 24 horas) temos uma certa dificuldade, pois o acesso é por uma escada íngreme e quem tem dificuldade de locomoção fica impossibilitado de subir. Os mercados municipais ficam a desejar em alguns pontos, não só pela acessibilidade, mas também pela sinalização, por exemplo. Então nós que trabalhamos diretamente com o turista temos dificuldade até de atravessar uma rua, por não ter sinalização”, detalha Erivaldo dos Santos, presidente do Sindicato dos Guias Turísticos de Sergipe.

Ele cita esses dois pontos na capital, mas lembra que a pior situação mesmo fica no interior ou em outros locais de divisa com outros estados. “Temos outras deficiências em alguns passeios. Mangue Seco – que já é um roteiro consolidado, por exemplo, não tem a estrutura de acesso adequada para as pessoas com necessidades especiais, assim como o roteiro da foz do Rio São Francisco, onde alguns deficientes tem dificuldades de acesso ao barcos. Por outro lado, o Canyon de Xingó está mais adaptado. Lá tem cadeira para atender pessoas com essas dificuldades, e apesar de não ter elevadores, há toda uma estrutura adaptada para atender as pessoas com dificuldade de locomoção”, lembra.

• Do outro lado

E se essa questão gera uma discussão por quem não possui alguma necessidade, a causa é ainda mais abraçada por aqueles que vivem o “outro lado” da situação, caso do vereador – e deficiente visual – Lucas Aribé. “A acessibilidade turística ainda é uma área que deve muito. Não temos estruturas turísticas preparadas para receber a diversidade humana. Desde o ano passado estamos lutando por isso. As pessoas vêm conhecer um monumento ou conhecer uma região, e não há uma preocupação com defi-

ciência. Por exemplo, a Orla de Atalaia, os Museus Palácio Olympio Campos e Da Gente Sergipana têm algumas melhorias, mas ainda não totalmente acessíveis. Eles precisam de mais investimentos e algumas medidas, que apesar de simplórias, são importantes para que todas as pessoas com deficiência e mobilidade reduzida possam usufruir desses espaços”, alerta ele, que inclusive já apresentou um projeto de lei que já se tornou lei municipal, sendo a lei número 4.444/2013, que instituiu normas de acessibilidade para o município, cobrando, por exemplo, adaptações adequadas para os portadores de alguma deficiência na rede hoteleira. “A estrutura dos hotéis já está melhor. Há também rampas para que as pessoas com deficiência tenham acesso ao mar”, explica Marcelo Cabral, assessor jurídico de Lucas, lembrando alguns avanços.



■ No mercado Thales Feraz, em Aracaju, calçamento não atende necessidades dos cadeirantes e deficientes visuais

DIVULGAÇÃO



■ Em alguns pontos turísticos, seja na capital, como no interior, a acessibilidade ainda precisa de investimentos



PODIA SER MELHOR

Quando se fala em acessibilidade, hoje existem recursos para facilitar a vida de quem tem alguma limitação. Não só as guias rebaixasadas, pisos táteis ou informações em braille, por áudio ou profissionais especializados em Libras, mas também recursos que já empregam determinada tecnologia. E são justamente eles que o estado de Sergipe ainda carece.

Um deles são os táxis adaptados para deficientes motores. "É importantíssimo, tanto que apresentamos no primeiro ano

de mandato um projeto de lei que institua o serviço de táxis adaptados em Aracaju, semelhante ao que acontece em outras capitais, como Vitória, Porto Alegre, Fortaleza, São Paulo. Esse projeto infelizmente foi rejeitado ainda na Comissão de Justiça. Recorremos e não conseguimos reverter", lembra o vereador Luca Aribé.

Há também um recurso que poderia existir no Aeroporto Santa Maria, que é o chamado Ambulift. Consiste num carinhão com um elevador, num sistema similar ao

usado normalmente para colocar a bagagem e os alimentos dentro do avião. Só que, em vez de levar a bagagem, serve como um elevador para que o cadeirante entre com maior facilidade na aeronave. "São estruturas que facilitam a entrada do cadeirante no avião. E aqui não há nenhuma estrutura para cadeirantes que faça o percurso do saguão até a aeronave. Se for viajar, vai precisar que alguém o leve no colo para embarcar, justamente por não ter o Ambulift", lembra Lucas.